



S U M Á R I O



3. Palavras prévias	Santiago Macías
5. Montinho das Laranjeiras (Alcoutim). Escavações de 1995	M. Justino Maciel
11. Sobre o epitáfio de Juliano, Bispo (Cacela, 987 d.C.)	Maria Manuela Alves Dias
19. Cerro Salomón y la minería hispanomusulmana en Garb-Al-Andalus	Juan Aurelio Pérez Macías
39. Uma fortificação islâmica do termo de Silves: o Castelo Belinho	Luís Filipe Oliveira
47. Osma, una aldea de Niebla en el camino de la raya	J. Aurelio Pérez Macías / Miguel López Domínguez / J. Manuel Beltrán Pizón
59. A alcáçova da cidade da Guarda — proposta de reconstituição	Lídia Fernandes / Emanuel Carvalho / Teresa Julião
73. Poder e poderes nas comunas muçulmanas	Maria Filomena Lopes de Barros
79. Uma taça islâmica com decoração antropomórfica proveniente do Castelo de Palmela	Isabel Cristina Ferreira Fernandes
101. Estudio de las producciones postcalifales del alfar de la Casa de Los Tiros (Granada). Siglos XI-XII	Ángel Rodríguez Aguilera
123. Estudo do armamento islâmico procedente da escavação na encosta do castelo e na alcáçova de Mértola	Lígia Rafael
133. Restos de tesouro de moedas islâmicas nas imediações de Azóia (Sesimbra)	Miguel Telles Antunes
139. Intervención arqueológica en el Cuartel del Carmen. Sevilla (1990-1994)	Rosario Huarte Cambra / Pilar Lafuente Ibañez / Pilar Somé Muñoz
183. Notícia sobre as peças pedradas do galeão «San Diego» (1600)	Olinda Sardinha
193. Tipologia e cronologia de cerâmicas dos séculos XVI, XVII e XIX encontradas em Cascais	Guilherme Cardoso / Severino Rodrigues
213. <i>Azenhas e moinhos</i> no Algarve. Segunda metade do século XIII e século XIV	Teresa Rebelo da Silva
227. Sobre o pão medieval minhoto: o testemunho das Inquirições de 1258	Iria Gonçalves
247. Fuentes olvidadas para la historia de la alimentación: crónicas, libros de viaje y biografías	Teresa de Castro Martinez
257. Documentos para a história da mina de S. Domingos — o relatório do geólogo Carlos Ribeiro	Jorge Custódio
269. La casa rural nel territorio di Mértola	Ilaria Agostini / Daniele Vannetiello
279. La colección antropológica del Campo Arqueológico de Mértola (s. II-XVI)	Alicia Candón Morales

Director: Cláudio Torres ■ **Coordenador:** Santiago Macías ■ **Conselho Científico:** António Borges Coelho, Cláudio Torres, José Luís de Matos, José Mattoso, Manuel Luís Real ■ **Conselho de Redacção:** Abdallah Khawli, Artur Goulart, Carlos Manuel Pedro, Fernando Branco Correia, João Carlos Garcia, Joaquim Manuel Boiça, José Carlos Oliveira, Manuel Passinhas da Palma, Maria de Fátima Barros, Miguel Rego, Rui Mateus, Susana Gómez, Virgílio Lopes ■ **Assessoria técnica:** Margarida Guerreiro ■ **Apoios:** Câmara Municipal de Mértola, Associação de Defesa do Património de Mértola, Comissão de Coordenação da Região Alentejo

ESTUDO DO ARMAMENTO ISLÂMICO PROCEDENTE DA ESCAVAÇÃO NA ENCOSTA DO CASTELO E NA ALCÁÇOVA DE MÉRTOLA

LÍGIA RAFAEL*

Dadas as novas tendências do conhecimento histórico que privilegia o estudo das questões relacionadas não só com os aspectos económicos, sociais, políticos e culturais, mas também com as questões do quotidiano, da cultura material e da sua influência na sociedade, é importante enveredar por um estudo que nos proporcione um conhecimento global das sociedades e dos diversos períodos históricos. Assim, podemos encarar o estudo do armamento sob duas perspectivas: uma perspectiva arqueológica e de estudo da cultura material, uma vez que as armas são o produto de uma indústria, fruto de um desenvolvimento tecnológico, objectos de comércio e alvo de diversas influências culturais; e, numa segunda perspectiva o estudo das armas deve levar-nos a encará-las como protagonistas de fenómenos destrutivos e terríveis. A segunda perspectiva permite-nos analisar não só as questões tecnológicas, mas também questões relacionadas com a economia, com a sociedade e a cultura, com a política e com o desenvolvimento da estratégia militar. É cada vez mais importante privilegiar o estudo das sociedades passadas na sua totalidade, tentando perceber a sociedade e os seus hábitos quotidianos, onde se enquadra claramente o estudo do armamento. Através de uma arma podemos saber quais os materiais que a constituem e o tipo de produção, quais os centros que se dedicam à sua produção, se estão relacionados com importantes zonas de

exploração mineira ou não, se houve a necessidade de importar matérias-primas, quais os canais de distribuição do produto e que repercussão tinha na região onde era produzido.

Até ao momento, a maioria dos trabalhos que têm como objecto o armamento, têm como base peças de luxo, geralmente pertencentes a personagens que ocupavam um estatuto destacado na sociedade e se encontravam completamente afastados do comum dos mortais. É premente enveredar pelo estudo do armamento real, do instrumental bélico usado normalmente nos campos de batalha e por aqueles que eram os peões do jogo, aqueles que morriam e matavam. Para atingir estes objectivos é necessário dedicar algum tempo e trabalho ao levantamento e publicação dos materiais exumados de escavações arqueológicas e ao estudo de colecções particulares ou públicas.

Em relação ao armamento, neste período e no caso cristão, as fontes iconográficas e

* Campo Arqueológico de Mértola.

literárias não permitem conclusões fidedignas e realistas em relação ao tipo de armas utilizadas na época e, no que se refere ao armamento utilizado pelos exércitos muçulmanos no al-Andalus não se conhecem fontes iconográficas ou literárias contemporâneas que permitam uma identificação clara e real. No entanto, sabe-se que em termos do armamento ofensivo, desde a 2.^a metade do século XI, a lança, em combinação com a cavalaria, permitiu o desenvolvimento de novos sistemas estratégicos devido à nova forma de utilização desta arma que se sujeitava com a axila. O cavaleiro aproveita a força e agilidade proporcionada pelo seu cavalo e ambos formam um importante conjunto. A partir da 2.^a metade do século XII, o uso da lança foi aperfeiçoado: mantém-se a lança ligeiramente torcida de forma a apoiá-la no antebraço. Por outro lado, a documentação europeia, refere a utilização da besta já no século X mas o seu uso só começa a ser difundido a partir do século XI. A generalização da utilização desta arma só se verifica a partir do século XII e é comprovada através da presença de corpos especializados. A besta é uma arma portátil, composta de arco, corda e cabo, com a qual se arremessavam setas curtas; é o aperfeiçoamento do primitivo arco reforçado e montado numa coroa de madeira em que se cavava uma goteira ou ranhura para alojar e dar uma direcção mais fixa ao projectil. O arco era de madeira ou de osso. Distendida a corda, fixava-se uma posição, presa num entalhe numa roda dentada (noz), alojada na ranhura da coroa, e soltava-se ao premir o gatilho o que aumentava a eficácia da flecha. A besta era uma arma de origem cristã, rapidamente adoptada pelos muçulmanos peninsulares. Apesar da importância da besta, a partir do século XII, é também importante referir a importância dos corpos de arqueiros no

campo de batalha; este corpo de arqueiros tinha como principal arma o arco composto por palas recurvadas e reforçadas com osso.

Apesar da referida escassez de documentação em relação ao armamento islâmico, é ainda possível identificar o equipamento e as tácticas da cavalaria, o que não acontece com a infantaria. O corpo de infantaria é relegado para segundo plano devido ao escasso interesse das fontes em realçar o seu desempenho sob o ponto de vista militar. Este desinteresse estava relacionado com o baixo nível social dos seus membros e com o facto dos peões de infantaria não passarem de mero instrumento de assédio – a este corpo do exército muçulmano é aplicável a expressão «carne para canhão». Este corpo era essencialmente constituído por manejares de fundas, por besteiros e por arqueiros; para além deste equipamento o corpo de infantaria podia ainda socorrer-se de lanças, facas e, ocasionalmente, poderiam recorrer à protecção de um escudo.



Fig. 1 — Vista parcial da escavação na alcáçova de Mértola — casas I e II.

A intervenção arqueológica na Alcáçova de Mértola foi iniciada no Verão de 1978, com o início do desentulhamento do criptopórtico. Este trabalho de escavação do criptopórtico só terminou em 1982 e pôs a descoberto um espaço subterrâneo de 32m de comprimento, 2,5 m de largura e 5,5 m de altura. Em termos estratigráficos, no criptopórtico podemos identificar uma sequência de níveis no entanto, os materiais aparecem misturados e há peças em que os fragmentos aparecem em todos os níveis. Em termos cronológicos, podemos situar os materiais provenientes do criptopórtico, entre os séculos X e o início do século XIII.

Na alcáçova foram também postas a descoberto, até ao momento, 11 casas do bairro almoada. Não se detectaram estruturas islâmicas representativas do período entre o século VIII e o século XI pelo que, não é possível comprovar com exactidão a continuidade na ocupação das estruturas do período romano. Todos os materiais islâmicos identificados na alcáçova de Mértola pertencem ao período de ocupação do bairro almoada, entre o século XII e a 1.ª metade do século XIII. As casas islâmicas identificadas correspondem às tipologias identificadas no Gharb al-Andalus. A construção deste bairro foi empreendida de raiz e compreendeu o delinear do seu traçado, a marcação de ruas e a construção de sistemas de saneamento. As habitações da Alcáçova de Mértola organizavam-se em torno de um pátio central e dispunham de idênticos compartimentos. Pela porta tinha-se acesso a um pequeno átrio o que protegia a intimidade dos olhares indiscretos. O pátio era o coração da casa e ao redor dele se orientavam todos os outros compartimentos; estes pátios eram uma peça fundamental nestas habitações uma vez que forneciam a ventilação e a iluminação à casa e, ao mesmo tempo, funcionavam como local de trabalho e de lazer. Outro compartimento importante destas habitações era o salão que servia de zona de repouso e de lazer, tinha também uma alcova, pequeno compartimento onde se dormia. São também identificáveis sistemas de saneamento e algumas das casas dispõem de latrinas. As cozinhas surgem como locais autónomos e algumas delas dividem-se em dois espaços autónomos: uma pequena dependência, com abertura para o pátio central, destinada ao armazenamento de alguns géneros alimentares antecedia a zona da cozinha onde se fazia o fogo.

Após o abandono do bairro da alcáçova foi aí implantado uma necrópole cristã que abarca o período entre o século XIV e o século XVI e cuja sepulturas interferem, com frequência, com o nível de ocupação do período islâmico. Em termos estratigráficos, podemos definir três níveis: o nível 1a que corresponde a uma camada mais superficial, de terrenos estéreis, e posterior ao cemitério cristão; o nível 1b que corresponde à camada de abandono da necrópole e às sepulturas; e o nível 1c que corresponde ao estrato de ocupação do bairro da alcáçova e às suas estruturas.

A encosta entre o *forum* e o castelo corresponde a uma área de pequenas dimensões (200 m²) e de declive bem marcado (com uma diferença de cota de 25 m entre os seus pontos superior e inferior). Esta área está parcialmente escavada pelo que não é possível fazer uma interpretação clara. No entanto, na zona junto à parede do castelo, foi escavada uma casa que segue a mesma linha estrutural das habitações da alcáçova e foi também identificada uma rua. Na área intervencionada foram encontrados muitos fragmentos de cadinhos o que leva a pensar existir aqui uma rua de ourives ou uma oficina de ourivesaria. O facto de se referir a ourivesaria e os artesãos é comprovado pelo tamanho dos cadinhos de prata o que nos reporta para a produção de pequenas peças. Podemos dividir a encosta do castelo em duas zonas distintas: uma mais plana,

junto aos muros do castelo, que será contemporânea do bairro da Alcáçova, datável do século XII e 1.ª metade do século XIII e, outra situada na zona de maior declive que não terá tido ocupação na derradeira fase da permanência muçulmana, datável do século XI, e onde se recolheram os cadinhos de fundição de prata. Na encosta verifica-se um maior espaçamento entre os enterramentos cristãos uma vez que a necrópole ocupou de preferência os terrenos mais próximos da mesquita.

Após a identificação do material existente coloca-se a questão da terminologia a utilizar. As peças estudadas foram divididas em três grandes grupos: pontas de flecha, pontas de lança e ponteiras. Dentro destes três grandes grupos foram identificados diversos tipos tendo em conta as características formais e estruturais de cada peça, a sua comparação com as restantes e a comparação com outros tipos definidos por outros autores. Cada peça é identificada a partir da sua descrição morfológica e análise do seu estado actual. Dentro das pontas de flecha estão incluídas todas as peças de pequena e média dimensão e que, pelas suas características, se podem caracterizar como pontas de flecha utilizadas juntamente com os arcos, como virotes de besta, utilizados nas besta ou balestras, cuja existência é comprovada pelas duas nozes de besta em osso, e como pontas de dardo. Dentro da tipologia de pontas de lança estão incluídas as peças que são de maiores dimensão e que dadas as suas características só poderiam ser utilizadas como lanças. As ponteiras são peças utilizadas nas extremidades das lanças ou dos dardos e actuam como meio de confirmação da eficácia do ataque sobre a vítima.

Para a definição das tipologias de pontas de flecha, pontas de lança e ponteiras, que constituem o instrumental bélico exumado da encosta do castelo e alcáçova de Mértola,

foi efectuado um levantamento exaustivo do material em ferro depositado no Campo Arqueológico de Mértola. Foram identificadas 116 peças em ferro, das quais 108 são pontas de flecha, 6 são pontas de lança e 2 são ponteiras e duas nozes de besta em osso. Analisando estes números podemos comprovar uma predominância clara da tipologia de pequenas e médias dimensões, as pontas de flecha, o que está com certeza relacionado com a difusão da besta que ocorreu no século XII. É também interessante referir que cerca de 60,2% das peças estudadas são procedentes da escavação efectuada na alcáçova de Mértola, entre 1978 e 1998; os restantes 39,8% das peças identificadas são procedentes dos contextos arqueológicos da encosta do castelo.

Em termos de descrição morfológica e da análise dos exemplares estudados, optei por definir as características das peças tal como elas se encontram actualmente, e não definir a sua forma original, sobre a qual não tenho dados precisos. Realmente parece estranho que algumas das peças apareçam com descrições onde se faz referência, por exemplo a pontas arredondadas quando isto seria ridículo em peças cujo objectivo era ferir mortalmente o inimigo.

TIPOLOGIAS DAS PONTAS DE FLECHA

Tipo I — Pontas de Flecha de cabeça piramidal, secção triangular ou quadrangular, estrutura tubular levemente cónica, e com uma abertura longitudinal (só um dos exemplares não tem abertura longitudinal) devido à colocação central de uma haste de madeira. As peças integradas neste tipo são provenientes tanto da encosta do castelo como da alcáçova de Mértola pelo que, cronologicamente, podemos situá-las entre finais do

século XI e o 1.^a metade do século XIII. No universo estudado esta tipologia é constituída por 9 exemplares o que constitui cerca de 8,3%. As dimensões dos exemplares estudados variam entre os 0,6 e os 1,4 cm de largura e os 6,2 e os 7,5 cm de comprimento. Alguns dos exemplares têm dimensões menores uma vez que não se tratam de peças inteiras mas de fragmentos. As peças identificadas neste grupo não são idênticas, apresentam algumas variações mas a estrutura formal é semelhante em todas elas. Estes exemplares poderiam ser utilizados como virotes de besta, e sua variação pode estar relacionada com a necessidade de aumentar o número de objectos e com uma execução em «série» uma vez que, só tem que ser assegurada a sua eficácia.



Fig. 2 — Pontas de flecha do Tipo I.

Tipo II — Pontas de Flecha de ponta piramidal, secção quadrada, traça romboidal, estrutura tubular cilíndrica e abertura longitudinal devido à fixação central de uma haste de madeira. Algumas das peças apresentam a extremidade da estrutura tubular enrolada para fora, em forma de caracol. É comum observar vestígios de madeira no interior da estrutura tubular. Este é o tipo mais predominante atingindo cerca de 37% da totalidade das peças analisadas. São procedentes tanto da encosta do castelo como da alcáçova de Mértola pelo que, cronologicamente, se podem situar entre o século XI e a 1.^a metade do século XIII. As suas dimensões variam entre os 0,7 e os 1,4 cm de largura e os 7 e os 9,8 cm de comprimento; os exemplares de menores dimensões correspondem a peças fragmentadas. As peças apresentadas neste tipo apresentam uma grande diversidade, mantendo a mesma estrutura formal básica o que, seguramente está relacionado com o seu desempenho e eficácia. Este tipo tem paralelos nos exemplares identificados por Soler del Campo 1, que as define

como pontas de flecha mas refere também que estas podem ser as antecessoras dos virotes de besta baixo medievais. Alguns exemplares apresentam uma maior largura no centro e a estrutura tubular com um diâmetro maior devido à necessidade de uma maior resistência e capacidade de impacto que está inerente ao uso da besta. No entanto é muito difícil identificar quais destas peças são pontas de flecha e quais são virotes de besta uma vez que as diferenças entre elas são quase indiferenciadas, o mais provável é que se utilizassem os dois tipos de material tanto adaptáveis ao arco como à besta. Estas pontas de flecha são conhecidas desde os Sécs. X e XI, tanto em contextos arqueológicos islâmicos como cristãos.

Tipo III — Pontas de Flecha de cabeça arredondada, onde se observa um estreitamento acentuado entre a zona de transição entre a cabeça e a estrutura tubular levemente cónica, onde se fixava centralmente a haste de madeira. Este tipo é sómente representado por dois exemplares mas de características tão distintas dos restantes que merecem uma análise particular. Os dois exemplares são procedentes da encosta do castelo e datáveis da 2.^a metade do século XII e 1.^a metade do século XIII. A largura varia entre os 1,2 e os 1,5 cm e o comprimento entre os 6 e os 7,1 cm. Este tipo não tem paralelos entre os exemplares apresentados por Soler del Campo. Penso, no entanto, poder tratar-se de virotes de besta dado o diâmetro da ponta e o alargamento da estrutura tubular, o que permitiria uma maior capacidade de impacto e eficácia.

Tipo IV — Pontas de Flecha de cabeça piramidal, de pequenas e médias dimensões, secção quadrangular e estrutura tubular cilíndrica ou levemente cónica devido à fixação central de uma haste de madeira. Estes exemplares são procedentes tanto da encosta do castelo como da alcáçova de Mértola, o que os situa, cronologicamente, entre a 2.^a metade século XII e o 1.^a metade do século XIII. As dimensões variam entre uma largura máxima de 0,8 e os 1 cm, e um dos únicos exemplares completos tem 8,5 cm de comprimento. É importante referir que um dos exemplares considerados nesta tipologia apresenta umas dimensões completamente distintas das restantes peças; é uma peça de grandes dimensões – a largura máxima é de 1,8 cm e o comprimento é de 11,3 cm - mas que mantém exactamente a mesma estrutura formal que as restantes. Este exemplar está em boas condições de conservação, só apresentando o bico curvado. Talvez que esta



Fig. 3 — Pontas de flecha do Tipo III.

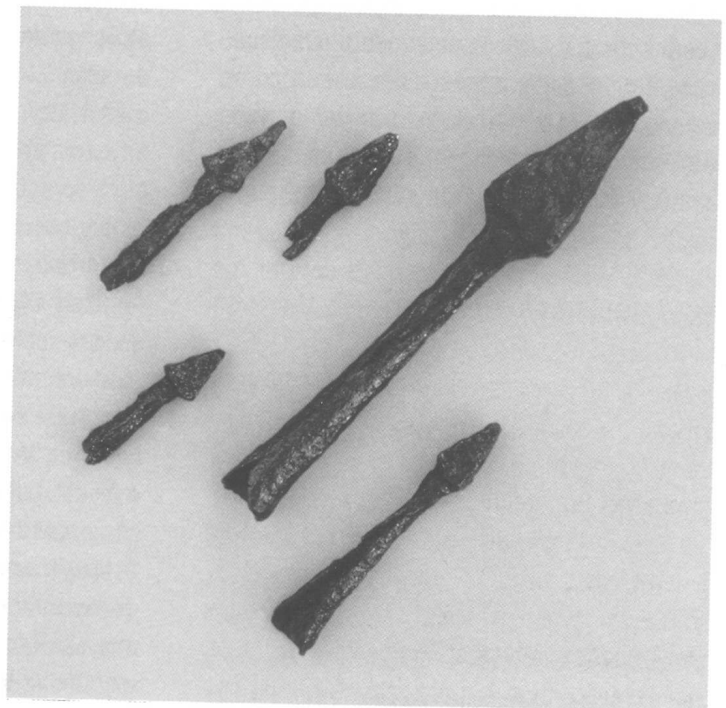


Fig. 4 — Exemplares de pontas de flecha do Tipo IV.

diferença em termos de tamanho tenha a ver com a adaptação à besta uma vez que esta exigia uma maior resistência, peso e capacidade de impacto.

Tipo V — Ponta de Flecha de cabeça triangular, achatada, estrutura tubular levemente cónica onde se fixava centralmente a haste de madeira. Este tipo é representado por um só exemplar, mas de características tão distintas dos restantes que é impossível inseri-la noutro grupo. Este exemplar é proveniente da Alcáçova de Mértola e pode ser datado do século XII. Tem 2,1 cm de largura máxima e 6,4 cm de comprimento.

Tipo VI — Pontas de Flecha piramidais, secção quadrangular e estrutura cilíndrica devido à fixação central de uma haste de madeira, alguns exemplares apresentam a ponta levemente achatada. Este tipo é o segundo mais representativo em termos do número de exemplares, representando cerca de 9,2% do total analisado. Os exemplares identificados têm dimensões que variam entre os 0,9 e os 1,8 cm de largura máxima e os 4,3 e os 9,6 de comprimento. São procedentes tanto da encosta do castelo como da alcáçova de Mértola o que me permite datá-las entre o século XI e o 1.^a metade do século XIII. O conjunto caracteriza-se por uma

homogeneidade formal em que as variações se devem mais ao processo de degradação das peças do que a diferenças criadas deliberadamente pela mão do artesão que as executou. Após uma análise atenta destes exemplares penso não ser incorrecto pensar que estes são virotes de besta, fruto de uma evolução do armamento e correspondem à introdução e difusão da utilização da besta. Defendo esta ideia porque estes exemplares têm uma estrutura semelhante ao tipo II mas, são mais pesados, têm uma maior largura no centro e a estrutura tubular tem um maior diâmetro, o que está relacionado com a necessidade de mais resistência do material e maior capacidade de impacto.

Tipo VII — Pontas de Flecha cónica com ponta arredondada cuja traça cónica se deve à fixação central de uma haste de madeira; a estrutura tubular corresponde a toda a extensão da peça. Verifica-se a presença de vestígios de madeira em todos os exemplares deste tipo. Este tipo é constituído por três exemplares de pequenas dimensões – variam entre os 1 e 1,5 cm de largura máxima e os 4,2 e os 5,1 cm de comprimento. Em termos da proporção dimensão/peso verifica-se que estes exemplares são muito pesados em relação às dimensões que apresentam, o que também me leva a pensar tratarem-se de virotes de besta. Em termos cronológicos podem datar-se de finais do século XI e 1.^a metade do século XIII. Num dos exemplares verifica-se vestígios da presença de cobre, facto que só com análises metalográficas será explicado.

Tipo VIII — Pontas de Flecha de cabeça piramidal ou levemente piramidal, de pequenas dimensões, secção quadrangular, traça romboidal e abertura ou arranque da abertura onde se fixava centralmente uma haste de madeira. Os exemplares analisados são procedentes tanto da encosta do castelo como da alcáçova de Mértola o que, cronologicamente, nos permite datá-las entre finais do século XI e a 1.^a metade do século XIII. As dimensões variam entre os 0,7 e os 1,1 cm de largura máxima e os 4,4 e os 6,1 cm de comprimento. Dadas as características dos exemplares desta tipologia não é fácil fazer grandes considerações acerca deles, facto que também não é auxiliado pelas referências bibliográficas uma vez que os textos consultados não fazem referência a peças deste tipo.

Tipo IX — Pontas de Flecha de cabeça em forma de losango, maciças, secção rectangular, traça romboidal e uma espiga onde se fixava a haste de madeira. Na parte central de uma das peças observa-se um orifício semi-circular, e na outra oval, que seriam utilizados para uma fixação mais eficaz da haste de madeira. As dimensões variam entre os 1,9 e os 2,2 cm de largura máxima e os 5,9 e os 8,1 cm de comprimento. Os dois exemplares identificados são procedentes da alcáçova de Mértola o que permite datá-los do século XII. Estas peças são um caso interessante, tanto pela sua forma, como pela engenharia demonstrado na fixação da haste de madeira e na relação dimensão/peso, já que são mais pesadas do que a maioria dos exemplares de pontas de flecha identificados neste estudo. O facto de serem maciças aumenta o peso e provavelmente a sua eficácia em termos de capacidade de impacto.

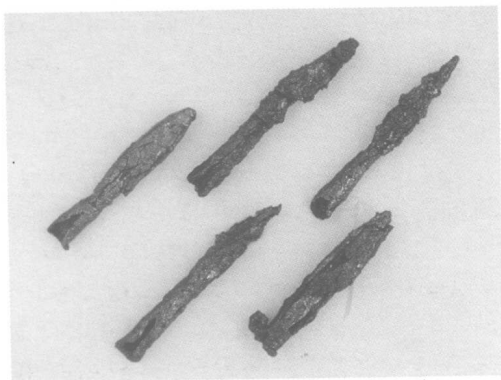


Fig. 5 — Alguns exemplares de pontas de flecha do Tipo VI.

Tipo X — Pontas de Flecha de cabeça piramidal, maciça, traça romboidal, cuja extremidade se vai achatando para permitir a fixação de uma haste de madeira. Este tipo é constituído por dois exemplares procedentes da alcáçova de Mértola o que permite datá-las do século XII. Em termos das dimensões elas variam entre os 0,9 e os 1,3 cm de largura máxima e os 5,6 e os 7,5 cm de comprimento e têm também um peso superior àquele que é comum a exemplares de Pontas de Flecha. Este facto e a forma destas pontas de flecha pode também estar relacionado com a necessidade de criar peças que dotassem os guerreiros islâmicos de uma maior eficácia no ataque. A maior eficácia é dada pelo aumento de peso, pelo aumento do diâmetro e pela capacidade de impacto, ajudado pela nova forma de impulsionar a flecha.

Tipo XI — Pontas de Flecha cónicas, com paredes pouco espessas, e estrutura tubular que corresponde a toda a extensão da peça e onde se fixava centralmente a haste de madeira. Este tipo é representado por quatro exemplares procedentes tanto da encosta do castelo como da alcáçova de Mértola o que nos permite assumir como balizas cronológicas o século XII e a 1.^a metade do século XIII. As dimensões variam entre os 1,1 e os 1,3 cm de largura máxima e os 4,4 e 5,3 cm de comprimento. Também em alguns destes exemplares se verifica a existência de pequenas concentrações de cobre o que só poderá ser percebido através de análises metalográficas. Estas são peças muito leves, de paredes pouco espessas e com uma forma que permitiria a existência de um bico afiado.

Tipo XII — Pontas de Flecha de secção quadrada, levemente piramidais, dotadas de um cubo tubular onde se fixava centralmente a haste de madeira. Esta tipologia é representada por dois exemplares, provenientes da alcáçova de Mértola e datáveis do século XII. As suas dimensões variam entre os 0,8 e os 0,9 cm e os 6,2 e 7,4 de comprimento. A suas características e a sua estrutura formal permitem-nos equipará-las aos exemplares representativos do Tipo II e têm paralelo nos exemplares apresentados por Soler del Campo 2.

Tipo XIII — Pontas de Flecha cónicas alongadas, ponta arredondada, paredes pouco espessas, secção circular e estrutura tubular cónica onde se fixava centralmente a haste de madeira. Têm baixo peso em relação ao seu comprimento e caracterizam-se por paredes pouco espessas. As suas dimensões variam entre os 0,9 e 1 cm de largura máxima e os 7,9 e 8,8 cm de comprimento. Um dos exemplares é procedente da encosta do castelo e o outro da alcáçova de Mértola. Em termos cronológicos podemos datá-las do século XII.

Tipo XIV — Ponta de Flecha quadrangular, levemente piramidal, traça romboidal e estrutura tubular onde se fixava centralmente a haste de madeira. Este tipo é representado por um único exemplar que, dadas as suas características, não pode ser incluído em nenhum dos grupos já definidos. Este exemplar tem como dimensões 0,9 cm de largura máxima e 6,3 cm de comprimento. É procedente da alcáçova de Mértola o que nos permite datar esta ponta de flecha do século XII. Apesar desta ponta de flecha apresentar um

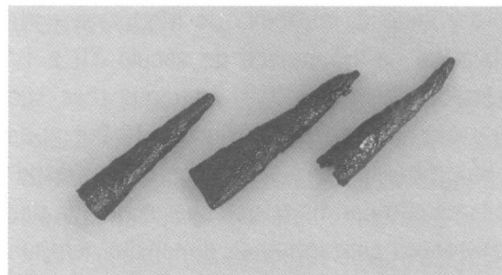


Fig. 6 — Exemplares de pontas de flecha do Tipo XI.

estrutura formal que a diferencia dos restantes tipos parece legítimo equipará-la aos exemplares do tipo II, tanto em termos de funcionalidade como de eficácia.

Tipo XV — Pontas de Flecha levemente piramidais, de grandes dimensões, maciças, ponta arredondada e secção quadrangular onde se percebe o arranque da estrutura tubular que permitia a colocação central de uma haste de madeira. Um dos exemplares tem uma abertura longitudinal. Os três exemplares representativos deste tipo são procedentes da Alcáçova de Mértola e podem situar-se, cronologicamente, no século XII e 1.^a metade do século III. Caracterizam-se pela sua robustez e peso e pelas suas dimensões, se bem que nenhum dos três exemplares se encontre inteiro. As suas dimensões variam entre os 1,1 e 1,2 cm de largura máxima e os 8 e 8,1 cm de comprimento. As suas características em termos de robustez, dimensão e resistência podem também estar relacionadas com a difusão da utilização da besta e com a necessidade de instrumentos bélicos mais eficazes em termos de impacto.

Tipo XVI — Ponta de Flecha piramidal, de grandes dimensões, secção quadrangular, traça romboidal e curta estrutura tubular onde se fixava centralmente a haste de madeira. Esta tipologia resume-se a um exemplar, que pelas suas características, nomeadamente o seu comprimento, não se pode integrar em nenhum dos tipos identificados. Esta peça é

procedente da alcáçova de Mértola e pode datar-se da 2.^a metade do século XII a 1.^a metade do século XIII. As dimensões são 0,8 cm de largura máxima e 12,9 cm de comprimento. As suas características específicas não permitem perceber o motivo das diferenças em termos da dimensão nem em termos da função específica.

Tipo XVII — Pontas de Flecha piramidais, com ponta arredondada, estrutura tubular cilíndrica, com uma pequena abertura oval, onde se fixava centralmente a haste de madeira. Os três exemplares identificados são procedentes da alcáçova de Mértola e podem datar-se do século XII e 1.^a metade do século XIII. As suas dimensões variam entre os 1 e 1,3 cm de largura máxima e os 6,2 e 8,9 cm de comprimento.

Tipo XVIII — Pontas de Flecha de cabeça piramidal, maciças, secção quadrangular, com uma espiga que permite a fixação de uma haste de madeira. Este tipo é muito heterogéneo em termos formais, variando tanto em termos da forma como das dimensões. É composto por cinco exemplares, todos procedentes da alcáçova

de Mértola o que permite datá-los do século XII. As suas dimensões variam entre os 0,8 e os 1,9 cm de largura máxima (base da cabeça piramidal) e os 4,1 e 7,7 cm de comprimento. Soler del Campo também identifica esta tipologia de pontas de flecha e defende que dada a sua evidente funcionalidade e facilidade de construção, é certo supor que estas alcançaram uma grande difusão 3.

TIPOLOGIAS DAS PONTAS DE LANÇA

Tipo I — Ponta de Lança de grandes dimensões, folha rectangular, secção quadrangular e cabo de estrutura tubular cónica onde se fixava centralmente a haste de madeira. A folha e a secção tubular estão incompletas pelo que é fácil perceber a grande dimensão deste exemplar. Este exemplar é procedente da alcáçova de Mértola, mais propriamente do criptopórtico, pelo que o podemos datar do século XI/1.^a metade do século XII. As suas dimensões variam entre os 2 cm de largura máxima e os 28,2 cm de comprimento e um peso de 77,8 gr.

Tipo II — Ponta de Lança de folha triangular, de grandes dimensões, proeminente nervura axial e cabo de estrutura tubular cónica onde se fixava centralmente a haste de madeira. Este exemplar é procedente da alcáçova de Mértola e datável do século XII. As suas dimensões variam entre os 5 cm de largura máxima e os 30 cm de comprimento e um peso de 267,6 gr. Este tipo de pontas de lança é identificada por Soler del Campo que defende que a nervura axial e a capacidade de corte da folha aumentam a capacidade de penetração e por conseguinte o desempenho e a eficácia 4.

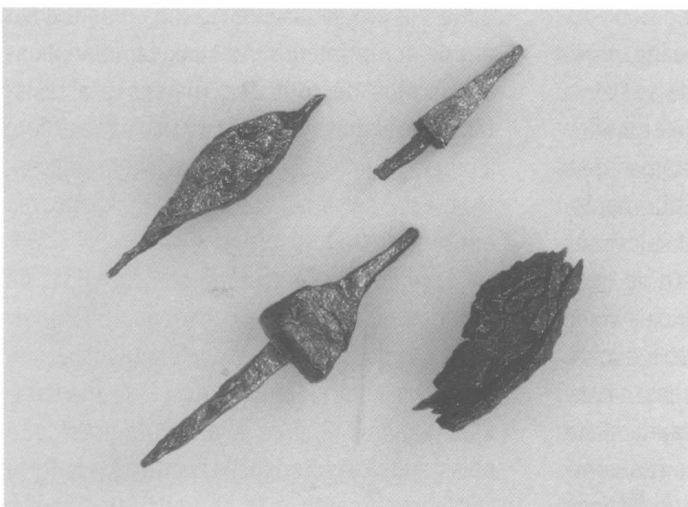


Fig. 7 — Alguns exemplares de pontas de flecha do Tipo XVIII.

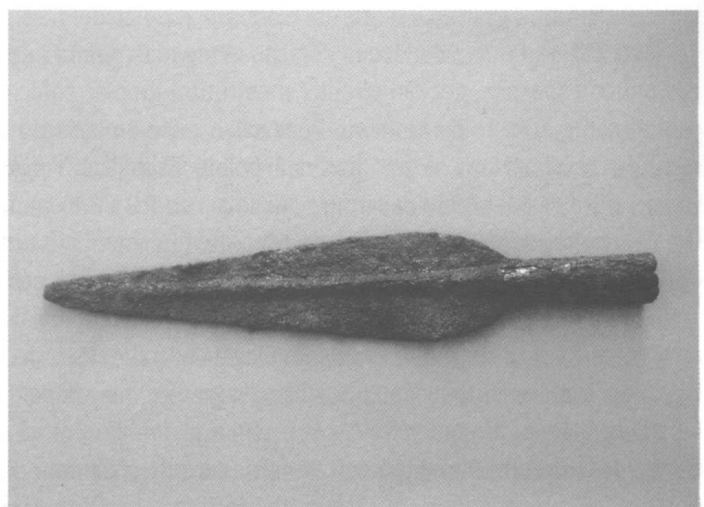


Fig. 8 — Ponta de lança do Tipo II.

Tipo III – Ponta de Lança de folha triangular, maciça, secção rectangular, levemente oval, e cabo de estrutura tubular cilíndrica de pequena extensão, onde se fixava centralmente a haste de madeira. Na abertura da zona tubular verifica-se a presença de cobre, o que só poderá ser explicado através das análises metalográficas. Este exemplar é também procedente da alcáçova de Mértola e datável do século XII. As suas dimensões variam entre os 3,1 cm de largura máxima e os 14,5 cm de comprimento, sendo o peso de 73,2 gr.

Tipo IV – Ponta de Lança de folha triangular, maciça, secção rectangular, e uma espiga onde se fixava a haste de madeira. A ponta está enrolada até formar um orifício circular que, dadas a sua perfeita execução me parece poder corresponder a uma provável reutilização da peça com funções distintas da original. Este exemplar é procedente da alcáçova de Mértola e datável da 2.^a metade do século XII/ 2.^a metade do século XIII. As suas dimensões são 2,6 cm de largura máxima, 15,2 cm c de comprimento e 45,6 gr de peso.

Tipo V – Ponta de Lança de secção cilíndrica em cuja base se forma uma estrutura globular, a partir da qual arranca uma espiga onde se fixava a haste de madeira. Este exemplar não está completo sendo, no entanto, possível perceber que seria de grandes dimensões. A ponta de lança é procedente da alcáçova de Mértola, mais propriamente do criptopórtico, sendo por isso possível datá-la do século XI/ 1.^a metade do século XII. Tem como dimensões 1,8 cm de largura máxima, 14,3 cm de comprimento e 87,9 gr de peso. Esta tipologia tem semelhanças com um exemplar identificado por Soler del Campo, só que o exemplar identificado por este autor tem uma secção quadrangular e não cilíndrica 5.



Fig. 9 – Exemplar de ponta de lança do Tipo V.

PONTEIRAS

As ponteiras eram colocadas na extremidade de madeira da ponta de lança e tinham como objectivo tornar mais eficaz o ataque. No volume de exemplares estudados foram identificadas duas ponteiras de forma cónica, com secção tubular que corresponde a toda a extensão da peça e onde se fixava centralmente uma haste de madeira. As duas peças têm forma e dimensões semelhantes, sendo a única diferença um orifício circular que se observa numa delas e que serviria para reforçar a fixação da haste de madeira. As duas ponteiras são provenientes da Alcáçova de Mértola o que cronologicamente a data do século XI e do século XII. As dimensões variam entre os 2 e os 2,6 cm de largura máxima e os 6,7 e 8,5 cm de comprimento. As paredes são pouco espessas e os dois exemplares encontram-se em mau estado de conservação, tendo sido também verificada a presença de grandes quantidades de madeira no interior destes exemplares.

NOTAS

- 1 SOLER DEL CAMPO (1995) — «Guerra y armamento hacia 1200 d.C.», in *Alarcos 95 — El fiel de la balanza*, Toledo, Servicio de publicaciones de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, p. 174.
- 2 SOLER DEL CAMPO, Alvaro (1995) — «Guerra y armamento hacia 1200 d.C.», in *Alarcos 95 — El fiel de la balanza*, Toledo, Servicio de Publicaciones de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, p. 174.
- 3 SOLER DEL CAMPO, Alvaro (1995) — «Guerra y armamento hacia 1200 d.C.», in *Alarcos 95 — El fiel de la balanza*, Toledo, Servicio de publicaciones de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, p. 173.
- 4 SOLER DEL CAMPO, Alvaro (1995) — «Guerra y armamento hacia 1200 d.C.», in *Alarcos 95 — El fiel de la balanza*, Toledo, Servicio de publicacio-

nes de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, pg. 183.

- 5 SOLER DEL CAMPO, Alvaro (1995) — «Guerra y armamento hacia 1200 d.C.», in *Alarcos 95 — El fiel de la balanza*, Toledo, Servicio de publicaciones de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha, pg. 186.

BIBLIOGRAFIA

- MACIAS, Santiago e TORRES, Cláudio (1997) — «Arqueologia islâmica em Mértola», in *Memórias Árabo-islâmica em Mértola*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 151-158.
- MACIAS, Santiago, 1998) — «Casas urbanas e quotidiano no Gharb al-Andalus», in *Portugal Islâmico — Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, MNA, pp. 109-120.
- (1996) — *Mértola Islâmica — Estudo histórico-arqueológico do bairro da Alcáçova (séculos XII-XIII)*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- (1997) — «Resenha histórica», in *Memórias Árabo-islâmicas em Portugal*, Lisboa, Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 17-28.

- (1992) — «Resenha dos factos políticos», in José Mattoso (Dir.), *História de Portugal*, vol. I, Cacém, Círculo de Leitores, pp. 417-437.
- SOLER DEL CAMPO, Alvaro (1987) — «El armamento medieval hispano», in *Cuadernos de Investigación Medieval*, n.º 6, Madrid.
- (1993) — «Notas sobre la evolución de los modelos de armamento adoptados en al-Andalus (Siglos X-XIV)», in *IV Congreso de Arqueología Medieval Española*.
- (1995) — «Guerra y armamento hacia 1200 d.C.», in *Alarcos — El fiel de la balanza*, Servicio de Publicaciones de la Junta de Comunidades de Castilla-La Mancha.
- TORRES, Cláudio e MACIAS, Santiago (1997) — «A islamização do Gharb al-Andalus», in *Memórias Árabo-Islâmicas em Portugal*, Lisboa, Comissão para as Comemorações dos Descobrimientos Portugueses, pp. 29-46.
- TORRES, Cláudio e SILVA, Luís Alves da (1989) — *Mértola Vila Museu*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola.
- TORRES, Cláudio et alii, (1991) — *Catálogo do Núcleo do castelo — Museu de Mértola*, Mértola, Campo Arqueológico de Mértola, 1991.
- TORRES, Cláudio (1982) — «A alcáçova de Mértola», *Separata da Revista Arqueologia*, n.º 6, Dezembro.
- (1979) — «Mértola — o castelo, arqueologia e ... sonhos», *Separata da Revista História e Sociedade*, n.º 4/5, Junho.
- (1992) — «O Gharb al-Andalus», in José Mattoso (Dir.), *História de Portugal*, vol. I, Cacém, Círculo de Leitores, pp. 361-415.
- (1995) — «O Gharb al-Andalus. Identidade de um território», in *Seminário Identidade, Mudança e Criatividade — A liderança do futuro*, Lisboa, Academia Militar, pp. 15-29.
- (1998) — «O Islão do Ocidente: fenómenos de permanência e descontinuidade», in *Portugal Islâmico — Os últimos sinais do Mediterrâneo*, Lisboa, MNA, pp. 57-61.
- (1992) — «Povoamento antigo no Baixo Alentejo. Alguns problemas de topografia histórica», in *Arqueologia Medieval*, n.º 1, Porto, Ed. Afrontamento.